

# O PENSAMENTO LUSO-GALAICO-BRASILEIRO (1850-2000)

ACTAS DO I CONGRESSO INTERNACIONAL

II

*Título:* Actas do I Congresso Internacional  
Luso-Galaico-Brasileiro  
Vol. II

*Edição:* Universidade Católica Portuguesa  
Centro Regional do Porto  
Imprensa Nacional-Casa da Moeda

*Concepção gráfica:* DED/INCM

*Revisão do texto:* Joaquim Melo

*Tiragem:* 500 exemplares

*Data de impressão:* Maio de 2009

*ISBN:* 978-972-27-1793-9

*Depósito legal:* 291 833/09

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

LISBOA  
2009

IV

**RACIONALISMO E RELIGIÃO**

A RECEPÇÃO DO NEOTOMISMO EM PORTUGAL  
NA SEGUNDA METADE DE OITOCENTOS:  
EM TORNO DO BISPO BASTOS PINA,  
TIAGO SINIBALDI, MARTINS CAPELA E SILVA RAMOS

MARIA MANUELA BRITO MARTINS

*Universidade Católica Portuguesa — Porto*

*BREVE INTRODUÇÃO HISTÓRICA*

O século XIX é, nos tempos modernos, um século que revela a complexidade da relação entre as suas instituições. De uma forma mais particular, a segunda metade do século XIX revela, no seu conjunto, o estado cumulativo de tensões e conflitos que o século XVIII tinha deixado em suspenso e por resolver. As prerrogativas, fundamentais da Revolução Francesa, com a declaração universal da igualdade de todos os homens, ainda que positivo, na sua formulação universal, originou uma série de sistemas de valores que eram necessários reajustar a uma nova ordem social, cultural, política e religiosa. Com clarividência afirmava Bastos Pina, no seu discurso, na sessão solene de abertura na Academia de São Tomás de Aquino, em 1883:

Estão infelizmente á vista de todos, e não é necessario que nós demonstremos perante uma assembleia tão illustrada, os males que afligem a sociedade moderna, que são de ordem, social, religiosa, civil, e política: Ensinaram aos

povos a liberdade de tudo e para tudo; ensinaram-lhes que todos os homens são iguaes, que vem todos das mãos do Creador com os mesmos direitos e sem preponderância nenhuma d'uns para com os outros, doutrina verdadeira e que nós confessamos e reconhecemos; mas não, lhes ensinaram ao mesmo tempo, que acima dos homens na terra está Deus no céu, e que é necessário obedecer aos homens e á sua auctoridade para obedecer a Deus.<sup>1</sup>

Os historiadores da filosofia e os historiadores da história das ideias são unânimes a respeito deste século XIX. Giovanni Reale, por exemplo, na sua *História da Filosofia* afirma que «talvez nunca tenha acontecido de o fim de um século e o início de outro serem marcados por mudanças tão radicais e tão claras como as mudanças que caracterizam os últimos anos do século XVIII e os primeiros anos do século XIX»<sup>2</sup>.

Na verdade, duas das maiores instituições da história do Ocidente<sup>3</sup>, que pela sua longa herança cultural e espiritual são reveladoras da importância que têm para as sociedades, como são, de facto, a Igreja e o Estado, confrontaram-se e renovaram-se no seio de um processo histórico da humanidade. A fisionomia ideológica e conceptual do século XIX, parece manifestar o pulsar dos debates mais acesos que o iluminismo

---

<sup>1</sup> D. Manuel Correia de Bastos Pina, *Discurso de abertura pronunciada pelo Exmo. Sr. Bispo Conde*, in *Instituições Christãs*, I, 1.ª série, n.º 11, 5 de Junho de 1883, pp. 288-289.

<sup>2</sup> G. Reale e D. Antiseri, *História da Filosofia. Do Romantismo até aos Nossos Dias*, vol. 3, 4.ª ed., São Paulo, Paulus, 1991, p. 13; cf. tradução portuguesa de *Il Pensiero occidentale dalle origini ad oggi*, Brescia, 8.ª ed., Editrice Scuola, 1986. Enunciamos alguns desses factos importantes: 1789 — eclodiu a Revolução Francesa; 1792 — é proclamada a república e derrubada a monarquia; 1804 — proclamação do império napoleónico. Na Alemanha, entre 1770 e 1780, regista-se uma efervescência nos meios culturais, com alguns movimentos, como o *Sturn und Drang*, que pretendem mesmo superar o iluminismo. O romantismo, que se desenvolveu entre os fins do século XVIII e inícios do século XIX, é um outro movimento intelectual que pretende superar o iluminismo.

<sup>3</sup> A. do Carmo Reis, «O Estado e a Igreja na 1.ª República», in *Humanística e Teologia*, 2002, 23, p. 31.

do século XVIII tinha levantado e que agora se tornava mais evidente e mais racionalmente necessário resolver<sup>4</sup>.

Para além disso, diversos factores de ordem social, cultural, científico, tecnológico e religioso eclodiram, levando as diferentes instituições políticas e religiosas para uma nova forma de relacionamento. Não será necessário relembrar aqui, as diferentes transformações sócio-políticas que se deram em diferentes países europeus e, mormente, a efervescência cultural e política que fizeram emergir novos regimes políticos, alguns dos quais com novos delineamentos nacionais e geográficos a nível mundial. É na sequência de tudo isto que temos ainda de pensar o confronto ideológico e institucional entre o catolicismo e a modernidade, ou seja, as relações entre a Igreja e a cultura moderna.

Nesta ordem de ideias, a cultura portuguesa não escapa a esta *Weltanschauung*. Alguns chegam mesmo a afirmar que na Europa o século XIX é uma época de crise religiosa. Diríamos mesmo que, muito mais do que isso, é uma época de crise a todos os níveis da cultura e da ciência. Daí que o papel desempenhado por algumas figuras da Igreja e, nomeadamente, da Faculdade de Teologia de Coimbra tenha sido fundamental neste período<sup>5</sup>.

No tema que vamos aqui focar, que trata da recepção do neotomismo em Portugal, interessa-nos, sobretudo, a visão de algumas figuras da renovação cultural e eclesial, no seio de

---

<sup>4</sup> J. Lotz, *Historia de la Iglesia en la perspectiva de la Historia del Pensamiento. II. Edad Moderna y Contemporánea*, tradução castelhana de J. Rey Marcos e revisão de J. M. Bravo Navalpotro. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1982, p. 389: «El resultado de la Ilustración y la secularización en Francia había supuesto un grave debilitamiento de la vida religiosa y la casi completa destrucción de la organización eclesiástica.» E em páginas mais adiante afirma o seguinte (p. 396): «El Romantismo tuvo para la Iglesia una importancia extraordinaria, pues él fue precisamente el que otorgó la base para la renovación eclesiástico-religiosa, al hacer que la nostalgia de la religión y de la Iglesia se convirtieran en una realidad poderosa en la vida pública.»

<sup>5</sup> M. Fernanda Reis Figueira, «A Faculdade de Teologia perante o materialismo (1861-1905)», in separata da *Revista de História das Ideias*, vol. I, 1976, p. 205.

uma sociedade que se impôs, cada vez mais, num processo de «secularização». Como é afirmado por D. Carlos Azevedo, «um dos sinais mais pujantes da reorganização da Igreja Católica nos últimos decénios do século XIX foi a sucessiva criação de revistas de teor teológico, todas de breve duração, mas unidas na intenção de combates pela fé, de esclarecimento de espíritos, de intervenção pedagógica, destinadas a recuperar o marasmo resultante de um período destabilizador»<sup>6</sup>. De igual modo, é afirmado na *História Religiosa de Portugal* de que existiu, realmente, na última década de Oitocentos, inícios de Novecentos, uma certa vitalidade nos círculos católicos portugueses, que se repercutiu em diferentes esferas da cultura da época. «Houve certamente um surto de vitalidade militante no nosso catolicismo da última década de Oitocentos e da primeira de Novecentos: congressos católicos, círculos católicos de operários (a partir de 1898) e outras associações confessionais, novas iniciativas jornalísticas, polemistas de bom nível intelectual (padres Sena Freitas e Manuel Fernandes Santana, por exemplo). Surto a que não foram estranhos os incitamentos de Roma, com relevo para o núncio Jacobini (1891-1896).»<sup>7</sup> A essa revitalização estava associada uma preocupação pela formação científica dos clérigos e, por isso mesmo, dos seminários existentes em diferentes dioceses e cidades portuguesas.

A figura deste ilustre prelado da diocese de Coimbra será tida como das mais importantes deste período monárquico-liberal. De tal maneira, que foi descrito nestes termos: «Foi um dos homens de maior prestígio da segunda metade do século XIX em Portugal. Não porque ascendesse na asa do génio às cul-

---

<sup>6</sup> Carlos Azevedo, «História da teologia em Portugal no século XIX: as revistas da apologética católica», in *Humanística e Teologia*, 23, 2002, p. 247.

<sup>7</sup> Manuel Clemente, «A vitalidade religiosa do catolicismo português: do liberalismo à república», in *História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, direcção de C. Moreira Azevedo, vol. 3, *Religião e Secularização*, coordenação de Manuel Clemente e António Matos Ferreira, Lisboa, Círculo de Leitores, 2002, p. 91.

minâncias da arte, da ciência, da política ou da santidade. Mas porque soube ser fiel à saudável raiz donde brotou e cresceu [...]»<sup>8</sup>

Com efeito, o bispo Bastos Pina terá um dos papéis mais importantes na estabilização do catolicismo em Portugal e na implementação de um diálogo entre a melhor tradição filosófico-teológica do cristianismo, com o saber e o progresso científico do seu tempo. Por outro lado, consciente do seu lugar na instituição da Igreja, não deixou de se posicionar e de se confrontar com o poder político da época, tentando manter uma autonomia do poder eclesiástico em face do poder civil.

## 1. O NEOTOMISMO EM PORTUGAL NO SÉCULO XIX

### 1.1. QUATRO FIGURAS DO CATOLICISMO

Num texto de Ferreira Deusdado, intitulado *A Filosofia Tomista em Portugal*, texto este que foi publicado na revista *Néo-Scholastique* de Lovaina, onde o autor fazia um apanhado sobre o movimento de renovação tomista em Portugal nos finais de Oitocentos<sup>9</sup>, era afirmado o seguinte: «A história da filosofia tomista em Portugal está ainda para fazer, e esse estudo lançaria, sem qualquer dúvida, uma viva luz sobre a evolução do pensamento hispânico.»<sup>10</sup> Na verdade, a filosofia tomista, ou melhor, neotomista do século XIX, tem nos mestres conimbricenses os seus mais imediatos precursores, que em pleno século XVI tinham sido os intérpretes mais prodigiosos de Aristóteles, três séculos posteriores à interpretação magis-

---

<sup>8</sup> Urbano Duarte, «Perfil de D. Manuel Correia de Bastos Pina», in *Estudos*, ano XLII, fascs. VI-VII, n.ºs 428-429, 1964, p. 359.

<sup>9</sup> M. A. Ferreira Deusdado, «La philosophie thomiste en Portugal», in *Extrait de la Revue Néo-Scholastique*, 1898, pp. 7-49.

<sup>10</sup> *Idem*, «A filosofia tomista em Portugal, notas para servir à história da filosofia em Portugal», documento estabelecido sobre um ensaio de M. A. Ferreira Deusdado, traduzido, prefaciado, anotado e actualizado (1879-1974) por Pinharanda Gomes. Porto, Lello Editores, 1978, p. 33. Cf. M. A. Ferreira Deusdado, *La philosophie thomiste en Portugal*, p. 7.

tral do Doutor Angélico <sup>11</sup>. Mas o carácter mais peculiar destes Conimbricenses consiste no facto de que pretendiam articular o saber de Aristóteles e de Tomás de Aquino com o humanismo ressurgente. A eles se deve, nos finais dos séculos XV e XVI, o florescimento e a renovação das ciências teológicas, que se propagaram não só em Espanha e Portugal mas também noutras universidades, como Lovaina, Paris e Colónia <sup>12</sup>. É, aliás, por esta mesma razão que Leão XIII, na encíclica *Aeterni Patris*, evoca a Universidade de Coimbra como um dos exemplos de uma das academias e escolas, célebres, pelo ensino da filosofia de São Tomás <sup>13</sup>. A recepção desta encíclica nos meios católicos portugueses foi, geralmente, bem aceite, como relatam alguns dos periódicos dessa altura <sup>14</sup>.

---

<sup>11</sup> Há uma tradição tomista em Portugal que floresce em pleno século XVI. Alguns desses autores não são jesuítas, mas sim dominicanos, como é o caso de João de São Tomás, António de Sena e Cristóvão Gil. Os comentadores jesuítas mais importantes, a que nos referimos como mestres conimbricenses, são: Manuel de Góis e Pedro da Fonseca. Consulte-se, a este respeito, M. Augusto Rodrigues, «O ensino de S. Tomás na Universidade de Coimbra», in *Didaskalia*, IV, 1974, pp. 297-310.

<sup>12</sup> M. Augusto Rodrigues, «O ensino de S. Tomás na Universidade de Coimbra», in *op. cit.*, pp. 297-299.

<sup>13</sup> A dado passo diz a encíclica: «Atque hoc loco, magna cum voluptate provolat animus ad celeberrimas illas, quae olim in Europa floruerunt, Academias et Scholas, Parisiensem nempe, Salamantinam, Complutensem, Duacenam, Tolosanam, Lovaniensem, Patavinam, Bononiensem, Neapolitanam, Conimbricensem, aliasque permultas. Quarum Academiarum nomen aetate, quodammodo crevisse, rogatasque sententias, cum graviora agerentur negotia, plurimum in omnes partes valuisse, nemo ignorat. Jamvero compertum est, in magnis illis humanae sapientiae domiciliis, tanquam in suo regno, Thomam consedissem principem; atque omnium vel doctorum vel auditorum animos miro consensu in unius angelici Doctoris magisterio et auctoritate conquiesse.»

<sup>14</sup> De entre os vários periódicos destacam-se *O Progresso Católico*, a que está ligado o padre Sena Freitas. É neste mesmo periódico que surgirá um importante comentário a esta encíclica, assinado pelo conde de Samodães. Surgem ainda outros periódicos, tais como: *A Palavra*; *A Ordem* (Coimbra); *O Amigo da Religião* e *Voz da Verdade* (Braga). Cf. Pinharanda Gomes, *A Filosofia Tomista em Portugal*, p. 94.

Deste período brilhante do ensino da teologia e, mormente, da interpretação aristotélica e do ensino do tomismo na Universidade de Coimbra <sup>15</sup> surgirá, no final de Oitocentos e nas primeiras décadas de Novecentos, um novo florescimento pela mão de algumas figuras, que se destacam no Seminário de Coimbra e no Seminário de Braga, como são: o bispo, conde Bastos Pina (1830-1913), Tiago Sinibaldi (1856-1928), o padre Martins Capela, que leccionou Latim e Filosofia Tomista no Seminário de Braga, e, finalmente o Dr. Silva Ramos, que foi incumbido da regência da cadeira de Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra, sendo, também, professor na Faculdade de Teologia de Coimbra (mas sobre este falaremos muito pouco).

Na verdade, a acção das duas primeiras figuras, bispo Bastos Pina e Tiago Sinibaldi, ainda que distintas no exercício das suas funções, foram, contudo, complementares. Se o primeiro se distinguirá pela sua acção pedagógica e institucional, num esforço de renovação intelectual e religiosa, em particular do clero, já o segundo se distinguirá, no ensino, pelo seu profundo conhecimento do sistema metafísico da filosofia tomista, a qual exercerá, num determinado período da nossa história cultural e religiosa, uma forte influência. E isto, apesar da fraca opinião que certos historiadores europeus da filosofia disseram a respeito do tomismo em Portugal no século XIX <sup>16</sup>.

Quanto ao padre Martins Capela e ao Dr. Silva Ramos, sobre os quais falaremos, posteriormente, a eles se deve igualmente a continuação da difusão do neotomismo. No caso do padre José Manuel Martins Capela, a sua reputação enquanto professor chegou mesmo a terras estrangeiras, onde era

---

<sup>15</sup> M. Augusto Rodrigues, «O ensino de S. Tomás na Universidade de Coimbra», in *op. cit.*, p. 299.

<sup>16</sup> Cf. J. M. da Cruz Pontes, «Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 32, 1976, p. 64. Cf. François Picavet, *Esquisse d'une histoire générale et comparée des Philosophies Médiévales*, 2.<sup>a</sup> ed. rev., Frankfurt, Minerva, 1968. Cf. J. M. da Cruz Pontes, «Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX», p. 64.

designado por «egrégio professor» por um confrade seu italiano<sup>17</sup>. Todavia, a sua actividade foi multifacetada, não se limitando à prática da docência.

## 2. BISPO BASTOS PINA (1830-1913)

Falemos então em primeiro lugar do bispo Bastos Pina. Manuel Correia de Bastos Pina nasceu na freguesia da Carregosa, concelho de Oliveira de Azeméis, em 19 de Novembro de 1830. Os pais eram agricultores abastados. Na sua família existiram vários eclesiásticos, um dos quais financiou os seus estudos universitários<sup>18</sup>. Além destes parentes, um dos seus irmãos foi abade de Cedofeita, no Porto<sup>19</sup>.

Bastos Pina formou-se em Direito, na Universidade de Coimbra, em Julho de 1853. Segundo um dos seus mais recentes biógrafos, A. Jesus Ramos, Bastos Pina «fez um curso jurídico brilhante, sendo aprovado no primeiro e segundo anos com a classificação *nemine discrepante*»<sup>20</sup>. Porém, a vida de Manuel Bastos Pina seguirá um rumo diferente da carreira jurídica projectada. Mantendo, então, uma amizade com o vice-reitor da Universidade, o Dr. José Manuel de Lemos, que seria nomeado, posteriormente, bispo de Bragança, tornou-se seu secretário particular<sup>21</sup>. É na sequência deste facto que aceitou ser ordenado presbítero passados alguns meses. A sua ascensão na carreira eclesiástica será rápida e frutuosa, apesar de sofrer alguns percalços no caminho. Em 6 de Novembro de 1854 foi nomeado chantre da Sé e em 20 de Janeiro de 1855 passava a ocupar o cargo de vigário-geral da diocese de

---

<sup>17</sup> P.<sup>e</sup> Adelino Afonso Salgado, «Percurso humano-científico do padre Martins Capela», in *Escritos Dispersos*, edição comemorativa do 150.<sup>o</sup> aniversário do seu nascimento, Braga, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992.

<sup>18</sup> Trata-se de seu tio José Correia de Bastos Pina. Cf. A. Jesus Ramos, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*, p. 55.

<sup>19</sup> A. Jesus Ramos, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*, p. 55.

<sup>20</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

<sup>21</sup> *Idem, ibidem*, p. 59.

Bragança. No entanto, D. José de Lemos não ficaria por muito tempo na diocese de Bragança sendo nomeado, pouco tempo depois, para a diocese de Viseu. Bastos Pina acompanha-o nesta nova nomeação eclesiástica. Todavia, pouco tempo depois o bispo D. José de Lemos será transferido para Coimbra. Bastos Pina permanece, contudo, em Viseu. Aqui ocorre um primeiro incidente na sua controversa eleição para o cargo de vigário capitular. Há um claro conflito entre a esfera da administração eclesiástica e a esfera do poder estatal, muito frequente nesta época. Deste conflito, em que o poder régio e o poder da Santa Sé se confrontam, Bastos Pina manteve-se firme na sua posição, e como ele afirma, pessoalmente, em carta dirigida ao arcediago de Viseu:

Agradeço muito a consideração com que neste ofício me honra, mas não posso continuar a gerir, como no mesmo se diz que devo fazer, todos os negócios eclesiásticos da diocese e com todas as prerrogativas, porque esta gerência, por maior que seja o respeito que devo às leis e ao governo do meu país, repugna à minha consciência e ao respeito e obediência que devo também às decisões de Sua Santidade [...] <sup>22</sup>

Depois deste episódio, que marcaria de certa forma, como um momento negativo, a sua carreira eclesiástica, Bastos Pina regressa a Coimbra para junto do seu amigo D. José Manuel de Lemos. É precisamente aqui que ele vai desenvolver uma actividade importante e crucial: a renovação do Seminário de Coimbra. Há quem considere que ele é «o segundo fundador» do Seminário<sup>23</sup>.

Durante este período, entre 1865-1872, assumiu, interinamente, o governo do bispado, por motivos de doença do bispo titular, D. José de Lemos, que depositava nele total confiança.

Nos *curricula* do Seminário dava-se importância às matérias no domínio da teologia. Havia uma preocupação com a exigência e o rigor com que eram ensinadas. Quando finalmente foi ordenado bispo, em 19 de Maio de 1872, efectua

---

<sup>22</sup> Cf. *idem, ibidem*, p. 69.

<sup>23</sup> A. Brito Cardoso, *Figuras da Igreja na Diocese de Coimbra. D. Manuel Correia de Bastos Pina*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1987, p. 13.

uma visita pastoral a toda diocese de Coimbra, de que há relatos na revista *Instituições Christãs*<sup>24</sup>. Em Outubro de 1879, introduziu a cadeira de Filosofia Tomista, no curso do Seminário de Coimbra e, em 20 de Maio de 1883, funda a Academia de São Tomás de Aquino. Como é relatado igualmente na revista *Instituições Christãs*, órgão oficial desta Academia, o programa desta publicação quinzenal visava difundir o pensamento de São Tomás, como exemplo paradigmático de uma *Philosophia Christã*, que expunha o Cristianismo, ou seja, a verdade da Religião Cristã, em unidade com o Magistério da Igreja:

Como à maioria de nossos leitores não foi dirigido o programma em que anunciamos as Instituições Christãs, e que põe em clara luz a índole d'esta Revista, e o pensamento que nos anima em tão árdua empreza, julgamos a propósito a sua reprodução. É de reconhecida utilidade, especialmente para esta Diocese, uma publicação regular dos Actos da Santa Sé, na parte que convier, e dos da jurisdição do Prelado Diocesano. Esta publicação vai empregar-se em uma revista quinzenal, a começar no próximo mez de Janeiro. E, além disso, se doutrinar os povos na Religião de Jesus Christo foi, em todos os tempos defeza e triumpho seguro da verdade contra o erro e falsa theorias [...] <sup>25</sup>

Na vida de Bastos Pina encontramos alguns diferendos que manteve com o poder régio e com a intromissão do poder civil com o poder eclesiástico. Um desses incidentes é o famoso diferendo entre o bispo Bastos Pina e a Faculdade de Teologia de Coimbra. M. d'Almeida Trindade, vice-reitor do Seminário Maior de Coimbra, faz-nos um claro relato deste incidente num dos seus estudos<sup>26</sup>. O conflito tinha como pano de fundo o processo que tinha sido instaurado pela reforma

<sup>24</sup> Cf. P.<sup>o</sup> Augusto Cândido Figueira, «Visita episcopal», in *Instituições Christãs*, I, 2.<sup>a</sup> série, n.º 4, 20 de Agosto de 1883, pp. 104-109.

<sup>25</sup> A. J. da Silva, «Programa», in *Instituições Christãs*, I, 1.<sup>a</sup> série, n.º 1, 5 de Janeiro de 1883, p. 3.

<sup>26</sup> M. d'Almeida Trindade, «A Faculdade de Teologia e o incidente com o Senhor Bispo-Conde D. Manuel Correia de Bastos Pina», in *Separata da Revista Lumen*, 1953-1954, pp. 3-37.

dos estatutos das universidades no período do marquês de Pombal, em que o Estado tinha poder para interferir no poder eclesiástico. É do processo resultante desta reforma que surge a reacção do bispo Bastos Pina, que pode ser expressa segundo as palavras de M. d'Almeida Trindade: «A questão entre o Bispo, D. Manuel Correia de Bastos Pina, e a Faculdade de Teologia é, em última análise, a reacção do espírito católico contra a letra regalista do direito português.»<sup>27</sup>

É evidente que não podemos aqui relatar com pormenor todos os factos importantes do bispado de Bastos Pina, para isso, há a excelente biografia de A. Jesus Ramos. Todavia, podemos dizer que D. Manuel de Bastos Pina efectuou um trabalho considerável a vários níveis na diocese de Coimbra. Viveu e actuou num período difícil e perturbador da história portuguesa: o do regime monárquico liberal e monárquico republicano. No fim da sua vida assistiu a acontecimentos para os quais já não tinha capacidade para enfrentar. A lei de separação entre a Igreja e o Estado fomentará um clima de tensão, não só institucional mas também na vida das comunidades e das pessoas em geral. Nos últimos da sua vida, já doente e desgastado, sofrerá ainda alguns problemas como o regime republicano e chega mesmo a pedir a resignação do bispado. Morreu em Novembro de 1913.

## 2.1. ACÇÃO DO BISPO BASTOS PINA

Através destes breves traços biográficos, podemos de imediato traçar o perfil da personalidade do bispo Bastos Pina, sem grandes dificuldades. Trata-se de uma pessoa com uma forte personalidade e com fortes convicções que disputou ora com algumas das forças sociais e políticas do seu tempo ora com algumas correntes mais integristas da Igreja Católica<sup>28</sup>.

<sup>27</sup> *Idem, ibidem*, p. 9.

<sup>28</sup> Note-se que o bispo Bastos Pina foi alvo de críticas provenientes de meios católicos integristas, que não percebiam o alcance da renovação, quer material, quer espiritual, no Seminário. Consulte-se, a este respeito, A. Jesus Ramos Pina, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*, pp. 238-252.

Por isso mesmo, terá um papel importante a desempenhar quer na vida política do reino, quer na sua acção de renovação interna da Igreja e do catolicismo<sup>29</sup>. A este respeito pode ser tido como um caso paradigmático do episcopado português desta época<sup>30</sup>. A sua voz faz-se ouvir quer no Parlamento, quer nas suas cartas pastorais ou outras, dando a conhecer o seu ensino e actividade pastoral. Enquanto interlocutor eclesial confronta-se e dialoga com a ordem política da época e na acção de renovação e de diálogo do saber científico e cultural, com a melhor tradição do cristianismo. Podemos, por isso mesmo, afirmar que há uma atitude muito semelhante deste prelado com a do cardeal Mercier, na Bélgica, que, em Lovaina, fundou o Institut Supérieur de Philosophie, no sentido de actualizar o estudo do Doutor Angélico, aberto às ciências e ao saber da modernidade.

Ao bispo Bastos Pina não só se deve a criação de um curso de Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra mas também a criação, conjuntamente com outras figuras do catolicismo, da revista *Instituições Christãs*. Terá estado também na criação do Colégio Português em Roma<sup>31</sup>. Para além disso, é a ele que se deve a restauração da Sé Velha de Coimbra, a fundação do Tesouro da Catedral, e os melhoramentos no edifício do Seminário. Apoiou e incentivou diversas instituições, como, por exemplo, o Museu de Antiguidades do Instituto de Coimbra, sendo descrito por um dos responsáveis desta instituição como «um protector desvelado das artes e da archeologia»<sup>32</sup>.

---

<sup>29</sup> Consulte-se, a este respeito, a documentação fornecida por D. Manuel Clemente no seu artigo na «História religiosa de Portugal», in *op. cit.*, pp. 88-90.

<sup>30</sup> Consulte-se a este respeito o artigo de D. Manuel Clemente sobre o estado da Religião Católica e da Igreja neste período. Pio IX dirige-se, em carta, ao episcopado português lamentando a situação vigente em Portugal. Cf. «A vitalidade religiosa do catolicismo português: do liberalismo à república», in *op. cit.*, p. 88-89.

<sup>31</sup> D. Manuel Clemente, «A vitalidade religiosa do catolicismo português: do liberalismo à república», in *op. cit.*, p. 90.

<sup>32</sup> Marques Gomes, *D. Manoel Corrêa de Bastos Pina, Esboço Biográfico*, 2.<sup>a</sup> ed., Porto, Typographia Ocidental, 1898, p. 172.

As razões que levaram o bispo Bastos Pina a criar uma cadeira de Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra e, por consequência, a renovar o ensino do tomismo, deve-se, essencialmente, a um desejo de cumprir a recomendação dada pelo papa Leão XIII na encíclica *Aeterni Patris*. Não será, contudo, este o único motivo, pois tratava-se igualmente de reorganizar e de melhorar o ensino da teologia em Portugal, em particular nos seminários<sup>33</sup>. Ouçamos o que diz o bispo Bastos Pina no seu discurso na Academia de Santo Tomás, e que foi publicado na revista *Instituições Christãs*:

Quando pois o nosso Sanctissimo Padre Leão XIII, que a está governando com tanta sabedoria e applauso de todos, aconselhou e recomendou o ensino da Philosophia Aquinatense nos seminários, demo-nos pressa em crear neste uma cadeira especial para o mesmo ensino. E à similhaça do que se pratica em outros paizes, principiámos aqui a celebrar Academias em honra do doutor Angélico, para que o sol d'Aquino, illuminando com os seus raios as sciencias que se professam nesta casa, as dirija e encaminhe como nós queremos, para a verdade, que é o supremo fim, e para Deus, que é o supremo bem. E, posto que em nenhum outro Seminário deste Reino se tenham cumprido ainda, que nos conste, as recomendações Pontificias, pôde este facto ser devido á falta de meios ou á de Professor tão dedicado a este ensino, como é o sr. Dr. Luiz Maria da Silva Ramos; mas não é devido certamente a menos desejo de obedecer á voz do Vigário de Jesus Christo, ou a conceito menos favorável da utilidade e importância dos estudos philosophicos que Ele recomenda. Estão infelizmente á vista de todos, e não é necessário que nós demonstremos perante uma assemblea tão illustrada, os males que nos afligem na ordem religiosa, social, civil e politica.<sup>34</sup>

Através destas palavras podemos perceber qual o motivo por que o bispo Bastos Pina empreendeu a criação de uma

---

<sup>33</sup> O bispo Bastos Pina pretendia uma melhor preparação humana, intelectual e espiritual do seu clero. Cf. A. Jesus Ramos, *O Bispo de Coimbra D. Manuel Correia de Bastos Pina*, p. 229.

<sup>34</sup> D. Manuel Correia Bastos Pina, «Discurso de abertura pronunciado pelo Exmo. Sr. Bispo Conde», in *Instituições Christãs*, I, 1.<sup>a</sup> série, n.º 11, 5 de Junho de 1883, p. 288.

cadeira de Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra. Quis efectivamente obedecer à palavra de Leão XIII, que via o alto interesse dos estudos filosóficos não só nos seminários, como também nas escolas católicas. Em forma de reconhecimento, Leão XIII escreve uma carta a Bastos Pina louvando a sua iniciativa:

Foi-nos entregue a vossa estimadíssima carta de 24 de Junho pelo dilecto filho Thiago Sinibaldi, a quem recebemos com a benevolência a que davam jus a vossa recomendação e os seus egrégios serviços na nossa diocese. Além disso, as suas palavras e o que escrevestes na vossa carta trouxeram-nos à memória o especial cuidado com que vos esforçastes para que a mocidade, e especialmente o clero, floresça na vossa diocese, progredindo com louvor no estudo da sciencia sólida. Bem sabeis e conheceis que muitíssimo consideramos e vehementemente estimamos estes vossos esforços; assim como estamos certos de nunca deixareis de corresponder às Nossas esperanças e expectativas.<sup>35</sup>

Muito haveria ainda a dizer sobre esta figura ímpar do catolicismo português do século XIX, mas não podemos aflorar, aqui, tudo. Todavia, uma conclusão provisória se impõe. Foi um homem que se preocupou com a formação dos espíritos e da mentalidade católica e com o saber teológico. Por isso, deu uma grande importância ao ensino da teologia nos seminários. Conseguiu, com a sua diplomacia, governar uma diocese em momentos de tensão entre a Igreja e o Estado.

### 3. TIAGO SINIBALDI (1856-1928)

Tiago Sinibaldi, de nome Giacomo Sinibaldi, nasceu em Civitella, em 1856. Foi ordenado sacerdote em 1879. Frequentou a Academia Romana de São Tomás de Aquino, onde se licenciou em filosofia. Em 1886, numa visita *ad sacra limina*, o bispo de Coimbra solicita a Leão XIII um professor para a cadeira

---

<sup>35</sup> Carta de Leão XIII, in M. Gomes, *D. Manoel Corrêa de Bastos Pina*, pp. 166-167.

de Filosofia Tomista. Na sequência deste pedido, Leão XIII encarrega Tiago Sinibaldi de leccionar Filosofia Tomista no Seminário de Coimbra. Este chega, então, a Portugal, em 1886 e ficará até 1900. Em 1900, foi nomeado reitor do Pontifício Colégio Português em Roma, cargo que manteve até 1913. Em 1913, foi eleito bispo de Tiberíades e nomeado reitor do Seminário de Catanzaro, voltando para Roma, em 1915, para exercer o cargo de secretário da Congregação dos Seminários e Universidades. A partir de então, instalou-se no Colégio Português, onde exerceu o cargo de director espiritual, até à sua morte, em 1928<sup>36</sup>.

### 3.1. O COMPÊNDIO DE TIAGO SINIBALDI

As obras mais importantes de Tiago Sinibaldi são as *Praelectiones Philosophicae*, redigidas em latim, onde expõe uma primeira parte da Lógica, como o diz claramente na 4.<sup>a</sup> edição da sua mais importante obra, *Elementos de Philosophia*<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> J. M. Cruz Pontes, «Sinibaldi (Giacomo ou Tiago)», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 4, Lisboa, São Paulo, Verbo, 1992, pp. 1156-57.

<sup>37</sup> Tiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, vol. I, *Lógica — Ontologia — Cosmologia*, 4.<sup>a</sup> ed., Roma (Subiaco), Tipografia dei Monasterio, 1923; vol. II, *Anthropologia — Theodiceia — Moral*, 4.<sup>a</sup> ed., Roma (Assisi), Tipografia Metastasio, 1916, p. VII: «Reconhecendo a vontade de Deus na vontade de seu augusto Vigário, entregámo-nos de alma e de coração ao cumprimento dos nossos deveres, e concebemos imediatamente o desígnio de redigir um Compendio de Philosophia, baseado na doutrina de St<sup>o</sup> Thomaz de Aquino. No mez de Maio de 1889, publicamos, na Imprensa do Seminário, a primeira parte da Lógica, escripta em língua latina. E teríamos continuado a escrever nessa língua, se pessoas auctorizadas e amigas não nos tivessem ponderado que, tendo nós recebido a missão de vulgarizar a doutrina thomista em Portugal, a nossa acção seria mais efficaz e o fructo do nosso trabalho mais abundante, se o livro fosse escripto em língua portugueza, não havendo no paiz um bom tratado, que traduzisse essa excelente doutrina na língua de Camões.» As edições que estamos aqui a utilizar são edições effectuadas e impressas em Roma e, por isso, foram ainda mais bem documentadas com os textos do Aquinata. Cf. J. M. Cruz Pontes, «Sinibaldi (Giacomo ou Tiago)», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 4, p. 1157.

Este compêndio de metafísica teve várias edições, algumas das quais aperfeiçoadas e aumentadas. Está dividido em dois volumes. Cada um deles obedece a uma trilogia. Na primeira edição, de 1891, o primeiro volume está dividido em Lógica, Ontologia e Cosmologia Geral; o 2.º, que aparece em 1892, está dividido em Cosmologia Especial, Psychologia e Theodiceia<sup>38</sup>. Todavia, na 2.ª edição, publicada em 1894, o 2.º volume aparece com outra divisão: Antropologia, Medicina e Moral.

Para além desta obra, publicou vários artigos na revista *Instituições Christãs*, alguns dos quais eram textos de conferências proferidas por Tiago Sinibaldi. Além das temáticas filosóficas, que abordavam directa ou indirectamente a *Suma Teológica* de Tomás Aquino, abordou, igualmente, outras de ordem mais estritamente teológica, como, por exemplo, o Dogma Trinitário e o Dogma de Divindade de Jesus Cristo, este último em relação com a moderna exegese bíblica<sup>39</sup>. Para além disso, há ainda a salientar uma obra de cariz espiritual, *A Alma aos Pés de Jesus: Exercícios Devotos*, que teve sucessivas edições<sup>40</sup>. As demais obras serão publicadas em Roma: *Il Regno del S. S. Cuore di Gesù*, Roma, 1927; *Il Cuore della Madre di Amore*, Roma, 1925; *Le Grandezze di S. Giuseppe*, Roma, 1927; *Il Dogma della Divinità de N. S. Gesù Cristo e la Moderna Esegese bíblica*, Roma, 1907; *Elevazioni a Gesù Sacramentato*. E, por último, um texto em que Tiago Sinibaldi, então reitor do Colégio Português, homenageia o rei de Por-

<sup>38</sup> J. M. Cruz Pontes, «Sinibaldi (Giacomo ou Tiago)», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 4, p. 1157.

<sup>39</sup> Thiago Sinibaldi, «Jesus Cristo conhecido no mistério da Santíssima Trindade», in *Instituições Christãs*, VII anno, 1.ª série, n.º 8, 20 de Abril de 1889, pp. 290-299; *idem, ibidem*, 20 de Dezembro de 1889, n.º 12; «Do homem», in *Instituições Christãs*, V anno, 1.ª série, n.º 1, 5 de Janeiro de 1887, pp. 14-16; *idem, ibidem*, 20 de Janeiro de 1887, pp. 41-44; *idem, ibidem*, 5 de Fevereiro de 1887, pp. 65-68; «União da alma humana com o corpo», in *Instituições Christãs*, V anno, 1.ª série, n.º 11, 5 de Junho de 1887, pp. 358-366; «De origine animae humanae», in *Instituições Christãs*, V anno, 1.ª série, 1887 pp. 382-386; *Estudos sobre a «Suma Teológica de Santo Tomás»*, VII anno, 2.ª série, 20 de Novembro de 1889, pp. 318-321 e 346-349.

<sup>40</sup> *Idem, A Alma aos Pés de Jesus: Exercícios Devotos*, 8.ª ed., Coimbra, Gráfica Conimbricense, 1921.

tugal: *A sua Magestade el-rei D. Manuel*, homenagem de fidelidade do Collegio Portuguez em Roma. Roma, Off. Poligrafia Edit, 1907.

A tripartição que o compêndio apresenta é sucedânea da divisão disciplinar da filosofia em três partes: a Lógica, a Metafísica e a Moral. Tiago Sinibaldi justifica esta divisão da filosofia apoiando-se na autoridade de Platão<sup>41</sup>, bem como na de Cícero<sup>42</sup>, na de Santo Agostinho<sup>43</sup> e, finalmente, na de São Tomás<sup>44</sup>. A partir desta tripartição, Sinibaldi efectua uma outra divisão, intrínseca ao campo da metafísica: a ontologia, a cosmologia, a antropologia e a teodiceia<sup>45</sup>.

Apresentamos o quadro da página seguinte, que nos dá uma sinopse de todo o esquema de Sinibaldi.

Na verdade, *Os Elementos de Philosophia* não são senão um vasto compêndio de filosofia baseado na doutrina de São Tomás de Aquino. Foi elaborado à boa maneira do método escolástico. Esta obra foi bastante difundida e teve os elogios quer de Leão XIII, quer de Bento XV. No prefácio da 4.ª edição, estão incluídas as cartas dos dois pontífices, a de Leão XIII, dirigida ao bispo Basto Pina, elogiando a obra do insigne mestre, e a de Bento XV, dirigida já ao próprio Tiago Sinibaldi, quando era bispo de Tiberíades e secretário da Congregação dos Seminários e das Universidades<sup>46</sup>.

<sup>41</sup> M. M. Brito Martins, «As três ciências teoréticas em Aristóteles: uma leitura da Metafísica, E, 1-2, e N, 2-3» (texto policopiado entregue para publicação em *Mediaevalia. Textos e Estudos*), p. 8: «Esta tradição platónica remonta a uma doxografia antiga, atribuída a Xenócrates. Cf. Sextus Empiricus, Ad. Math. VII, 16, Frg. 1, Heinze. [...] Na verdade, é Albino, que atribui a Platão esta divisão da filosofia, em três partes, na sua obra *Ωπιτομς τῆν πλατονο' δογματων*. Santo Agostinho no *De Civitate Dei*, nos livros IV, 27, VI, 5, VIII, 1, e XI, 25, apresentam esta tripartição da filosofia que ele foi buscar a Varrão na sua obra *Antiquitatum rerum divinarum* e a Scévola, célebre orador romano, muito elogiado por Cícero.

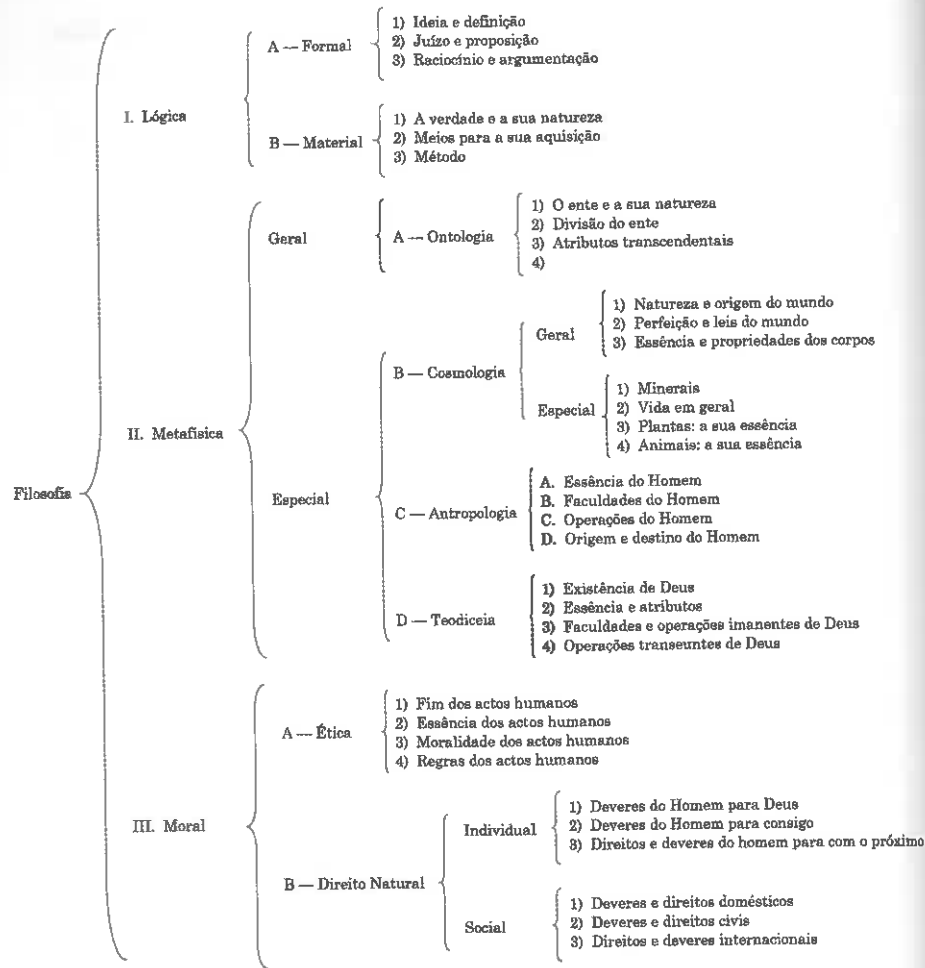
<sup>42</sup> Cícero, *Académica*, I, 1, 6.

<sup>43</sup> Agostinho, *Cidade de Deus*, XI, 26.

<sup>44</sup> Tomás de Aquino, *In Com. II Math*: «Sunt tres philosophiae partes, scilicet moralis, logicae et naturalis».

<sup>45</sup> Thiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, vol. I, p. 4.

<sup>46</sup> *Idem, ibidem*, vol. I, pp. xv-xvi.



Esquema — Thiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, 2.º vol.

Na introdução, Tiago Sinibaldi apresenta e expõe claramente o que se entende por filosofia, qual o seu objecto, a sua divisão disciplinar e, por último, estabelece qual a relação da filosofia com as outras ciências e, muito em particular, com a teologia. Está escrito de forma clara e concisa, apresentando sempre definições, as quais são justificadas com o texto do Aquinata nas notas de rodapé, que, por sua vez, se reportam a Aristóteles. É, a meu ver, um dos melhores com-

pêndios de metafísica mais bem sistematizados desta escolástica renovada do século XIX.

A definição de filosofia é tomada no seu sentido mais geral, enquanto «amor da sabedoria» mas também enquanto definição metafísica, exposta pelo Estagirita na *Metafísica*: «Ciência que trata das causas supremas dos entes»<sup>47</sup>, e ainda, segundo a bela expressão do Doutor Angélico, «[as causas] descobertas pela luz natural da razão»<sup>48</sup>. O saber aristotélico e a doutrina do Aquinata harmonizam-se como o arco de uma ogiva numa abóbada. Dois dos maiores vultos da metafísica se conjugam através do pensamento, cada um como parte integrante do acto de abstracção, realizado para uma maior perfeição humana. Por isso mesmo, a perfeição implica uma maior abstracção e uma ciência é tanto ou mais perfeita quanto mais ela é abstracta<sup>49</sup>.

No esquema escolástico tomasiano reconhecemos que a filosofia tem uma dignidade superior às outras ciências, tal como o estabelece Aristóteles. Todavia, essa dignidade não é completa, na medida em que a teologia excede em dignidade a filosofia. «A Philosophia é inferior, em dignidade à Theologia revelada.»<sup>50</sup>

No primeiro capítulo da lógica, Sinibaldi define a ciência da lógica enquanto «arte e ciência»<sup>51</sup>. É uma arte porque é um conjunto de regras e operações da razão; é uma ciência, porque deduz dessas regras um conjunto de princípios essenciais das coisas. Esta distinção tem uma raiz aristotélica, mas já está orientada para a lógica transcendental kantiana, ainda que o autor não o queira admitir. Na verdade, a expressão e inevitavelmente o conceito transcendental não fazem parte da linguagem da escolástica dos séculos XIII e XIV<sup>52</sup>.

<sup>47</sup> *Idem, ibidem*, p. 1.

<sup>48</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>49</sup> *Idem, ibidem*, p. 6. Cf. *Summa Theologica*, I.<sup>a</sup>, q. 1, a. 5. Cf. Aristóteles, *Metafísica*, A, 2, 982a5.

<sup>50</sup> *Idem, ibidem*, p. 9.

<sup>51</sup> *Idem, ibidem*, p. 17.

<sup>52</sup> Podemos desde já afirmar que Tomás de Aquino nunca utilizou o termo *transcendentale*. Quanto a Duns Escoto, utilizou-o uma vez. Mas esta matéria será objecto de futura investigação.

É aristotélica porque é uma ciência que fornece os meios conceptuais para atingir a verdade e o método de a adquirir. É lógica formal quando expõe as regras necessárias para se adquirir essa ciência; e é lógica material quando expõe as formas ideais que compõem a essência das coisas. A lógica formal expõe o conceito de ideia e termo, de juízo e proposição e, finalmente, de raciocínio e argumentação. Quanto à lógica material, aborda a questão da verdade, os meios para adquirirmos essa verdade e, finalmente, o método. Compete à lógica, que é uma lógica ontológica, a precisão e a exactidão. É nesse sentido que a lógica material é uma lógica da acriologia (exactidão) <sup>53</sup>.

Mas tem igualmente uma raiz kantiana, pois a lógica transcendental kantiana pressupõe uma distinção no seu próprio âmbito entre a analítica dos conceitos e a analítica dos princípios <sup>54</sup>. À analítica dos conceitos corresponde a lógica formal, à analítica dos princípios corresponde a lógica material.

A precedência da lógica relativamente à metafísica deve-se a uma questão de ordem metodológica e propedêutica. Retomando uma sentença de São Tomás, do seu comentário à *Metafísica* de Aristóteles, que diz: «O filósofo deve aprender primeiro a lógica antes das outras ciências, pois a lógica trata do modo comum de proceder nas outras ciências» <sup>55</sup>, Sinibaldi justifica assim, plenamente a sequência do seu tratado de metafísica, que é precedido pelo campo da lógica.

<sup>53</sup> Cf. *Sancti Thomae aquinatis in Metaphysicam Aristotelis Commentaria*, II, lect. v, n.º 335. Cura et studio de Fr. M.-R. Cathala. Taurini, Marietti, 1926. Cf. Aristóteles, *Metafísica*, B, 1, 995a15.

<sup>54</sup> Thiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, vol. I, pp. 248-251. Sinibaldi efectua uma longa nota de rodapé na segunda secção da Lógica, onde expõe as diferentes partes da *Crítica da Razão Pura* de Kant para demonstrar como o criticismo kantiano, justifica a aquisição da verdade. Todavia, Sinibaldi é bastante crítico em relação a Kant e achamos mesmo que, por vezes, algumas dessas críticas não se justificam plenamente. Todavia, vê-se que leu com alguma atenção a *Crítica da Razão Pura*.

<sup>55</sup> Thiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, vol. I, p. 17. Cf. *Sancti Thomae aquinatis in Metaphysicam Aristotelis Commentaria*, II, lect. v, n.º 335, p. 114.

A metafísica investiga os entes objectivos ou reais, a moral os entes morais e a lógica os entes lógicos. A metafísica enquanto ciência que trata dos entes nas suas causas supremas, está, por sua vez, subdivida em: a) ontologia; b) cosmologia; c) antropologia; d) teodiceia. Na verdade esta divisão é sucedânea da distinção entre uma metafísica geral e uma metafísica especial. A metafísica especial é, precisamente, aquela que trata do mundo, do homem e de Deus. Na cosmologia, também ela se subdivide em cosmologia geral e especial. A metafísica geral trata, genericamente, do mundo e dos seres que o compõem. Quanto à especial, ela trata, em particular, do homem, e, neste caso, é a antropologia. Por último, temos a teodiceia. Podemos imediatamente constatar que este modelo de sistematização já não obedece rigorosamente a um esquema escolástico *stricto sensu*, mas alarga-se a um horizonte da modernidade. Curiosamente, Sinibaldi parece ter uma maior preocupação em distanciar-se (mas sem o conseguir plenamente), do ponto de vista metafísico, da modernidade do que aquela que pretende o próprio bispo Bastos Pina, quando este, no seu programa para o ensino da teologia em Portugal, promove a relação entre o saber do mundo medieval e da filosofia cristã com o saber da modernidade. E que, por conseguinte, este mesmo saber promova o bem da humanidade e do mundo católico:

No seu empenho, pois, de promover o bem da humanidade, e a paz dos imperios e das nações, entendeu Sua Santidade — lumen in coelo — que pelos caminhos por onde veio o mal devia vir o remédio, e que a reacção devia principiar onde principiou a enfermidade; e como as causas d'est são especialmente os erros das doutrinas e das escolhas philosophicas, proclamou o nosso Santíssimo Padre na Encyclica Aeterni Patris a necessidade de se restaurar o ensino da verdadeira Philosophia, da Philosophia Christã, que tem a seu favor a auctoridade de S. Bernardo, Sancto Anselmo, Alberto o Grande e S. Boaventura, da Philosophia finalmente de Sancto Thomaz d'Aquino, sábios todos os que foram a gloria da Igreja e a admiração do mundo. [...] E não se diga que a Igreja pretende com aquella restauração pôr barreiras ao progresso scientifico, fazer retrogradar a philosophia aos tempos tenebrosos da idade media, matar a liberdade das escolas, e apagar com

a sciencia d'um frade do século XIII, os clarões luminosos de Kant, Hegel, Krautz e Comte.<sup>56</sup>

O domínio e a clareza da exposição, fazem do tratado de Sinibaldi um dos compêndios mais sistemáticos em relação ao sistema tomista. Todavia, a forma como é exposto denota, claramente, uma preocupação por se manter fiel à tradição cristã e católica. No caso da metafísica e, em particular, no desenvolvimento da parte que cabe à ontologia, Sinibaldi prefere as soluções do Doutor Angélico, bem como de outros autores cristãos que se identificam com a solução dada pelo Aquinata, do que aquelas que lhe são contrárias. Um exemplo paradigmático desta posição é dado, por exemplo, na solução que dá Tomás de Aquino à relação da essência com a existência no ente finito. Para Tomás de Aquino, no ente finito, há uma distinção real entre existência e essência, quando em Escoto, Suarez e outros essa distinção só é ideal ou lógica<sup>57</sup>.

#### 4. MARTINS CAPELA (1842-1925)

José Manuel Martins Capela nasceu no seio de uma família numerosa, em Carvalheira, Terras de Bouro, em 28 de Outubro de 1842<sup>58</sup>. Viveu a sua infância num ambiente rural. Foi iniciado ao estudo de latim por um tio seu e mais tarde continuou os estudos na escola do padre Jerónimo Gonçalves. Em 1859, inicia os seus estudos teológicos no Seminário de Braga. Frequentou ainda o curso de Geografia, História, Física e Química, em Braga. Em 1866, foi ordenado presbítero. Depois de ter exercido, durante algum tempo, as funções de pároco, desiste e passa pelo noviciado na Companhia de Jesus. Dedicar-se, entretanto, ao ensino. Entre 1880-

<sup>56</sup> D. Manuel Correia de Bastos Pina, «Discurso de abertura pronunciado pelo Exmo. Sr. Bispo Conde», in *Instituições Christãs*, I, 1.ª série, n.º 11, 5 de Junho de 1883, pp. 289-290.

<sup>57</sup> Thiago Sinibaldi, *Elementos de Philosophia*, vol. I, pp. 360-361.

<sup>58</sup> A melhor biografia de Martins Capela ainda é a de A. Luís Vaz, *Mestre e Precursor* (crítica da vida e obra do P.º Martins Capela, no 1.º centenário do seu nascimento), Lisboa, 1942.

-1884 é professor no Colégio da Formiga, em Ermesinde, e, em 1885, no Colégio do Espírito Santo, em Braga. Em 1888 é nomeado professor de Filosofia e de Geografia no Liceu de Viana do Castelo, cargo que exercerá até 1896. Em 1888, publica a revista *Escholio*, que se publicará quinzenalmente, entre Março de 1888 e 15 de Junho do mesmo ano<sup>59</sup>.

É dos contactos com diversos padres jesuítas que se apaixona cada vez mais pela filosofia tomista. Dois desses padres são o jesuíta italiano João Baptista Meli e o jesuíta maiorquino Pedro Aloy<sup>60</sup>, que passaram ambos por Portugal durante algum tempo.

A partir de 1896, inicia a sua docência de Filosofia e de Latim no Seminário de Braga. Na Filosofia, seguiu o compêndio de Sanseverino, depois o de Farges e, finalmente, o de Tiago Sinibaldi<sup>61</sup>. Segundo as palavras de Amaro Carvalho da Silva, a personalidade de Martins Capela pode ser entendida como

um homem de cultura, um autodidacta da filosofia, um estudioso inteligente e atento e um professor conceituado de filosofia. A sua vida consistiu numa sempre e continuada superação de si mesmo. Espírito voluntarioso e dedicado, sempre se entregou inteiramente à reflexão, ao estudo e a uma acção pastoral e doutrinal. Nunca seguiu uma carreira académica, como sempre foi o seu sonho, em Lovaina, Roma, Paris, ou até mesmo em Coimbra. Martins Capela não foi um académico do tomismo; afirmou-se no ensino, no combate e polémica pública, na reflexão e na crença incondicional.<sup>62</sup>

<sup>59</sup> J. M. Cruz Pontes, «Martins Capela e o renascimento tomista em Portugal no século XIX», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 32, 1976, p. 86.

<sup>60</sup> *Idem, ibidem*, pp. 72-73.

<sup>61</sup> A. Afonso Salgado, «Percurso humano-científico do padre Martins Capela», in *Escritos Dispersos*, edição comemorativa do 150.º aniversário do seu nascimento, Braga, Câmara Municipal de Terras de Bouro, 1992, p. XIX.

<sup>62</sup> A. Carvalho da Silva, «Martins Capela, um divulgador do neotomismo», in *Revista Portuguesa de Filosofia*, vol. 48/2, 1992, p. 324.

Mas não se dedicou somente à filosofia tomista, pois foi conhecido, inicialmente, como arqueólogo. Estudou durante vários anos os miliários do Alto Minho e de Trás-os-Montes, decifrando os textos epigráficos romanos. Faleceu a 3 de Novembro de 1925, depois de uma vida dedicada ao estudo.

#### 4.1. O PROFESSOR MARTINS CAPELA

Como diz A. Brito Cardoso, «fora de Coimbra, o movimento tomista» ou neotomista, iniciado na cidade coimbrã pela docência do padre Dr. Silva Ramos e mantido, posteriormente, por Thiago Sinibaldi, foi alargado a outros seminários<sup>63</sup>. O padre Martins Capela, quando nomeado professor da cadeira de Filosofia Tomista em Braga, seguiu, nas suas lições, os *Elementos de Philosophia* de Sinibaldi. Efectuou, aliás, alguns aditamentos à primeira edição, na parte da ética, intitulando-os: *Noção Sumaríssima dos Princípios d'Ética — Aditamento aos Elementos de Philosophia do Dr. Sinibaldi*. Alguns dos seus textos revelam a importância que ele dava à filosofia de São Tomás. Para além disso, quis, igualmente, obedecer aos ensinamentos de Leão XIII expostos na *Aeterni Patris*. Receberá, aliás, em carta escrita, os agradecimentos do próprio pontífice<sup>64</sup>.

Os principais trabalhos de Martins Capela, sobre o neotomismo são os seguintes: *Da Substância e Acidentes*, de 1888; *História da Filosofia em Portugal*, de 1888; *Vantagens do Ensino da Filosofia de S. Tomás e Meios de Divulgar este Estudo*, de 1891; *Oportunidade da Filosofia Tomista em Portugal*, de 1892, e *De Sapientia*, de 1897.

Martins Capela não foi propriamente um filósofo, e também não foi um académico, especializado na filosofia tomista, mas foi, isso sim, um homem douto e humilde, que se dedicou ao estudo e, sobretudo, ao exercício da sabedoria; a sabedoria,

<sup>63</sup> A. Brito Cardoso, *Figuras da Igreja na Diocese de Coimbra. 1.º Doutrino Tiago Sinibaldi*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1986, p. 19.

<sup>64</sup> A. Afonso Salgado, «Percurso humano-científico do padre Martins Capela», in *op. cit.*, p. XXIII.

que é cantada nos livros sapienciais e no Evangelho. Na sua oração de sapiência, escrita em latim, pronunciada no Seminário de Braga, em Outubro de 1889, na sessão solene de abertura, afirma:

Portanto, a sabedoria divina, Palavra de Deus, é o próprio Deus; e também segundo o que diz João: no princípio era o Verbo e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus. Portanto a Sabedoria divina é, simultaneamente, infinitamente extensa e intensa.<sup>65</sup>

A esta sabedoria divina e bíblica se vem acrescentar aquela outra que provém dos gregos, tal como a definiram Platão e Aristóteles e que Martins Capela tão bem expressa, segundo as palavras dos próprios filósofos:

Eis a maneira como Platão, o rico Platão, um dos ilustres discípulos de Sócrates, definiu ele próprio a sabedoria: «sabedoria é a ciência que não se adquire com silogismos; é a ciência das coisas que existem sempre; ciência que trata das causas das coisas»<sup>66</sup>. Na verdade, a sabedoria cristã, de que tanto nos falaram os Padres da Igreja, oferecem-nos o belo modelo para a existência do homem. Por isso, já Agostinho afirmava, quando interrogado, que a definição ciceroniana de sabedoria é definida como: «é a ciência das coisas humanas e divinas»<sup>67</sup>, e ainda na bela expressão de Basílio de Cesareia: «a ciência das coisas divinas e humanas e das suas causas»<sup>68</sup>. Mas visto que a sabedoria não consiste unicamente em saber mas em realizar o bem, então, a definição mais bela de sabedoria está em Agostinho

<sup>65</sup> M. Capela, «De Sapientia», in *Escritos Dispersos*, p. 200: «Ergo divina Sapientia. Verbum Dei. Deus ipse est; etiam secundam illud Joannis eloquium: 'In principio erat Verbum, et Verbum erat apud Deum, et Deus erat Verbum.' Ergo divina Sapientia, extense infinita simul, adque intense.»

<sup>66</sup> *Idem, ibidem*, p. 201: «Ecce quomodo Plato, divus ille Plato, Socraticus discipulus perquam illustris, sapientiam definit ipse: 'sapientia, scientia quae non nititur sumptione; scientia rerum causam pertractans'.»

<sup>67</sup> *Idem, ibidem*, p. 202. Cf. *Contra Académicos*, I, 6, 16.

<sup>68</sup> *Idem, ibidem*, p. 203. Cf. Basílius, *Concio in prose*.

n'O *Livre Arbítrio*, que diz: «pensas tu que a sabedoria é só a verdade, a que possui o sumo bem? Ninguém é feliz sem sabedoria.»<sup>69</sup> Por isso, a sentença de João Crisóstomo é ainda mais clara, quando afirma: «A sabedoria não é, por isso, conhecer a palavra de Deus, mas viver segundo a palavra de Deus.»<sup>70</sup>

Para Martins Capela a filosofia, e em particular a filosofia tomista, serve essencialmente para elucidar a fé. É, afinal, uma fundamentação racional da doutrina cristã. Não é, por isso, um puro exercício lógico e racional, desprovido de sentimento, de humildade e de sensibilidade. O padre Martins Capela via na filosofia tomista um importante instrumento racional para defender a verdade cristã e assim poder alargar os horizontes dessa mesma razão a campos do saber moderno, que o próprio tomismo poderia integrar.

Num texto escrito em 1892 e publicado na *Chronica do segundo Congresso Catholico da Província Eclesiástica de Braga*, Martins Capela aflora as vantagens do ensino da filosofia de São Tomás. Ele está consciente de que esta filosofia cristã poderá solidificar e fortificar os espíritos. Terá, igualmente, a vantagem de consolidar os resultados das ciências numa certa ordenação de conclusões e princípios que o sistema tomista poderia fornecer. O programa audacioso que Martins Capela visionava para o estudo de São Tomás era o seguinte: 1) O ensino profissional nos seminários, que seria entregue a professores qualificados para o efeito; 2) A tradução de manuais, em língua portuguesa, da filosofia tomista. Na verdade, Martins Capela, como bom latinista que era, reconhecia a dificuldade que o tradutor enfrenta ao verter de latim para português uma obra que é difícil e que exige, simultaneamente, uma acuidade na terminologia filosófica e literária; 3) A criação de revistas científico-tomistas em Portugal. Segundo Martins Capela, essas revistas deveriam ser criadas, em particular, em centros de divulgação do pensamento tomista, como

<sup>69</sup> *Idem, ibidem*: «Sapientia quidem est, non eloquia Dei scire, sed secundum eloquia Dei vivere.»

<sup>70</sup> *Idem, ibidem*. Cf. Chrysostomus, *Homilia XXVIII*.

sejam, nas Universidades de Coimbra e em Braga. Elas tinham como função a divulgação do ensino tomista; 4) Por último, a fundação de sociedades académico-tomistas para professores, alunos, assim como para «amadores» e demais pessoas que se interessassem pelo estudo de São Tomás. Propunha ainda Martins Capela a criação de uma «sociedade de filosofia e letras de São Tomás de Aquino», que seria presidida pelo arcebispo primaz de Braga<sup>71</sup>.

Entre os primeiros benefícios de uma boa educação filosófica parece pode inscrever-se a flexibilidade, polidez e agudeza do entendimento, mercê do estudo consciencioso das leis do pensamento e da ginástica dialéctica. E bem carecido anda de tal o espírito moderno, embotado no labor excessivo da observação pura, estrita dos factos.

Na verdade, Martins Capela foi, essencialmente, um grande pedagogo. Para ele, a razão está, essencialmente, ao serviço da dinâmica da fé. Por isso mesmo, existiam, para o padre Martins Capela, razões suficientes para se instaurar a filosofia de São Tomás nas escolas católicas e, se preciso, em todo o orbe. Justificava-se desta forma o valor próprio do tomismo como sendo um sistema que poderia solucionar os novos acontecimentos da história e da sociedade. Consciente de que o tomismo teria forças suficientes para integrar no seu próprio dinamismo interno o processo histórico e evolutivo dos ideais e dos valores da modernidade, declara o padre Martins Capela:

Na síntese crítica de São Tomás, como num torvelinho absorvente, foram arrebatadas todas as ideias de valor, todas as energias esparsas, e projectadas com vigor hercúleo no caminho da doutrina católica através de seiscentos anos. Não sei se a história regista outro exemplo, o que todos sabemos é que novo lutador, e de estatura gigantesca, retomou o famoso projectil levemente amolgado ou carcomido do tempo, e refeito de novo o arremessou ao espaço. O futuro dirá dos seus destinos.

Menos trabalhado pelas seitas, nem menos febricante (e de pior carácter esta febre) que o século XIII, não é por

<sup>71</sup> *Idem*, «Vantagens do ensino da filosofia de São Tomás e meios de divulgar este estudo», in *Escritos Dispersos*, p. 172.

certo o século XIX. Como ele, bem carecido vai de timoneiro que meta a bom rumo o pensamento moderno e o solevante a mais nobres aspirações e generosos destinos. Não é só o espírito científico que anda carecido de direcção superior, é o espírito público, misto de orgulho e de fraquezas, empolgado pela matéria, gelado pelo egoísmo que reclama remédio pronto e heróico.<sup>72</sup>

Aqui estão afinal as razões do tomismo para o século XIX: só ele é capaz de ser timoneiro para este momento da história, que vive de forma febril, com as suas ideias e os seus novos saberes. Por isso mesmo, Leão XIII julga existir uma real necessidade de se instaurar o tomismo, como uma forma de restabelecer uma certa orientação dos espíritos, tendo em vista o combate com as «opiniões erróneas, provenientes das escolas filosóficas e espalhadas em todas as classes da sociedade»<sup>73</sup>.

##### 5. LUÍS MARIA DA SILVA RAMOS (1841-1921)

Falemos, por último, do padre Dr. Luís Maria da Silva Ramos. Nasceu em Braga, em 1841. Doutorou-se em 1866, com a seguinte dissertação: *Necessidade e Realidade da Revelação*. Na tese para concurso tratou da *Dignidade da Razão perante a Fé*, em 1873. Como podemos verificar a temática que lhe era querida era a relação entre a fé e a razão. Foi professor no Seminário de Coimbra da cadeira de Filosofia Tomista, incumbência que lhe foi atribuída pelo bispo Bastos Pina. Foi, aliás, nomeado pelo bispo Bastos Pina primeiro professor da cadeira de Filosofia Tomista. Foi, igualmente, professor na Faculdade de Teologia de Coimbra, onde veio a ser decano<sup>74</sup>. Por seu incentivo, efectuaram-se as primeiras sessões públicas na Academia de Santo Tomás, sobre a Filosofia Tomista, para difusão do pensamento do Doutor Angélico.

<sup>72</sup> *Idem, ibidem*, p. 166.

<sup>73</sup> *Idem, ibidem*, p. 167.

<sup>74</sup> A. Brito Cardoso, *A Filosofia Neo-Escolástica em Coimbra*, p. 412.

Para além disso, participou, activamente, na criação da revista quinzenal *Instituições Christãs* e foi ainda director da revista mensal *A Civilização Catholica*, onde manteve uma assídua publicação. Esteve ainda ligado activamente a uma outra revista, de índole tomista, *A Scientia Catholica*.

Os seus trabalhos utilizam o pensamento de Tomás de Aquino, em particular a *Summa Theologicae*. Por isso mesmo, afirma na sua obra, *Dignidade de Razão perante a Fé* que a *Suma Teológica* é «um grandioso edifício da mais alta ciência que o homem não pode contemplar sem assombro»<sup>75</sup>.

No entanto, os seus trabalhos reflectem um conhecimento indirecto de São Tomás. Para além disso, conjugam o pensamento que provém do tomismo com o pensamento moderno.

Na sua tese de dissertação, Silva Ramos pretende abordar a relação da fé e da razão no âmbito do racionalismo vigente na época. Podemos ler as suas intenções, segundo as suas próprias palavras:

Da historia succinta do racionalismo que deixamos exposta deduz-se claramente que os racionalistas ora rejeitam a necessidade de revelação divina para a realização do nosso fim ultimo, ora a sua existência, ou pelo menos a impossibilidade de demonstrar-a por falta de critérios seguros e infalliveis, que distingam as verdadeiras das falsas revelações. A nossa dissertação tem por fim refutar estas duas escolhas. À primeira oppõe a razão e a historia, á segunda a Bíblia com toda a sua majestade e grandeza.<sup>76</sup>

Como podemos constatar, Silva Ramos pretende harmonizar os dois princípios da razão humana, de forma a atingir-se o fim último do homem. De um lado, temos a razão e a história e, do outro, a Bíblia. A razão é desta maneira, portanto, esclarecida pela fé, de tal modo que justifica a revelação divina e o destino sobrenatural do homem.

<sup>75</sup> J. M. Cruz Pontes, «Ramos (Luís Maria da Silva)», in *Logos. Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, 4, p. 573. Cf. *Dignidade da Razão perante a Fé*, Porto, 1873, p. 27.

<sup>76</sup> Luís Maria da Silva Ramos, *Necessidade e Realidade da Revelação*, dissertação inaugural para o acto de conclusões magnas, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1866, p. 25.

A antropologia de Luís da Silva Ramos apresenta a síntese tomasiana baseada em dois princípios: o espiritual e o corporal. Os dois elementos, isto é, o espiritual e o orgânico, conjugam-se numa harmoniosa síntese, em que o princípio informante é a forma do corpo. No entanto, não deixa de estar influenciado por teorias sensitivas e biológicas da época, que ele articula com a doutrina tomista.

Silva Ramos refuta qualquer pretensão da corrente materialista em poder justificar a natureza da alma humana. «Como explicar a memória, o juízo e o raciocínio sem a consciência íntima da unidade e identidade da alma? Impossível...»<sup>77</sup>

Terminamos aqui este pequeno *excursus* sobre o neotomismo em Portugal, tendo-nos centrado, essencialmente, nestas quatro figuras do catolicismo português a partir do segundo quartel de Oitocentos. Aquilo que quisemos efectuar, neste estudo, foi o de perceber qual resposta da teologia e do ensino da teologia em Portugal, face à efervescência cultural e política da época. O neotomismo surge assim como um sistema que, muito para além das fronteiras lusitanas, se revela potencialmente capaz de dar uma orientação à sociedade e à crise religiosa e cultural.

Muito haveria ainda a dizer, a coligir e a avaliar a respeito destas personalidades e de outras, que tentaram manter viva a tradição cristã católica, reajustada aos tempos modernos. Mas é tempo de finalizar e de dar uma palavra conclusiva que justifique em uníssono o propósito destes quatro autores: «*Vetera Novis augere et perficere.*»

---

<sup>77</sup> *Idem*, «Theoria das Potências da Alma, segundo Santo Thomaz», in *Scientia Catholica*, vol. I, 1884, p. 33.

## «RELIGIÃO» E «PROGRESSO» EM OLIVEIRA MARTINS

PEDRO VILAS BOAS TAVARES

*Universidade do Porto*

1. É sem dúvida forte «ousadia» afrontar a enorme amplitude do tema em epígrafe. Para mais, a copulativa proposta focaliza-se em Joaquim Pedro de Oliveira Martins, esse gigante das nossas letras de Oitocentos, figura central do pensamento historiográfico português contemporâneo, responsável por boa parte da imagem e auto-representação que os portugueses continuam a fazer de si próprios.

Poderá justificar-nos, apesar de tudo, o ânimo de poder contribuir com algumas pistas de reflexão ou achegas minimamente pertinentes.

Escusado será sublinhar o carácter subjectivo, fluido, de fundamentação metafísica, da noção de «progresso», ou da sua correlata noção de «decadência».

Escusado ainda, até porque o tema mereceu uma conhecida e luminosa obra a António Manuel Bettencourt Machado Pires, será lembrar o papel «de maitre a penser» de Oliveira Martins no seio da sua geração — a chamada «Geração de 70» — e do papel que entre esta desempenhou na sedimentação da ideia de decadência<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> *A Ideia de Decadência na Geração de 70*, Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1980.